



## ANAIS do 33º Congresso Brasileiro de Espeleologia

Eldorado SP, 15-19 de julho de 2015 - ISSN 2178-2113 (online)



O artigo a seguir é parte integrando dos Anais do 33º Congresso Brasileiro de Espeleologia disponível gratuitamente em [www.cavernas.org.br/33cbeanais.asp](http://www.cavernas.org.br/33cbeanais.asp)

Sugerimos a seguinte citação para este artigo:

BARBOSA, E.P.. Pinturas rupestres em abrigos de rocha na Serra Branca, Morro do Chapéu, Bahia. In: RASTEIRO, M.A.; SALLUN FILHO, W. (orgs.) CONGRESSO BRASILEIRO DE ESPELEOLOGIA, 33, 2015. Eldorado. Anais... Campinas: SBE, 2015. p.21-31. Disponível em: <[http://www.cavernas.org.br/anais33cbe/33cbe\\_021-031.pdf](http://www.cavernas.org.br/anais33cbe/33cbe_021-031.pdf)>. Acesso em: *data do acesso*.

Esta é uma publicação da Sociedade Brasileira de Espeleologia.  
Consulte outras obras disponíveis em [www.cavernas.org.br](http://www.cavernas.org.br)

## PINTURAS RUPESTRES EM ABRIGOS DE ROCHA NA SERRA BRANCA, MORRO DO CHAPÉU, BAHIA

CAVE PAINTINGS IN ROCK SHELTERS IN THE SERRA BRANCA, MORRO DO CHAPÉU, BAHIA

**Elvis Pereira BARBOSA**

Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC, Ilhéus BA.

Contatos: [barbosa.elvis@gmail.com](mailto:barbosa.elvis@gmail.com); [elvisb@uesc.br](mailto:elvisb@uesc.br).

### Resumo

Este trabalho procura evidenciar o potencial arqueológico rupestre de áreas situadas mais ao interior do município de Morro do Chapéu e iniciar um debate sobre a relevância destes sítios, tendo por base a classificação das tradições rupestres. Apesar da exuberância e complexidade dos seus inúmeros painéis, a região ainda é pouco estudada pela arqueologia.

**Palavras-Chave:** Arqueologia; Pinturas Rupestres; Ambientes Cársticos.

### Abstract

*This paper seeks to highlight the rock archaeological potential of areas further inland of Morro do Chapéu city and initiate a debate on the relevance of these sites, based on the classification of rock traditions. Despite the exuberance and complexity of its numerous panels, the region is still little studied by archeology.*

**Key-words:** Archaeology; Paintings Cave; Karst Environments.

## 1. INTRODUÇÃO

A América é o único continente habitado pelo ser humano que não possui populações nativas na sua origem. Os povos responsáveis pela ocupação do continente chegaram em épocas remotas após a realização de diversas rotas migratórias que proporcionaram aos indivíduos oriundos do continente asiático ou do Norte da Oceania se deslocarem em direção ao Novo Mundo (ASTIGARRAGA, 1994). As rotas migratórias continuam sendo motivo de intenso debate no meio científico internacional, pois ainda não foi possível estabelecer um modelo que atendesse a todas as correntes e tendências teóricas a respeito do tema.

A proposta explicativa mais aceita permanece em torno da migração do Homem oriundo da Ásia, através da Beríngia, para o Alasca, em momentos de regressão do mar. Mais tarde, em épocas de degelo, o Homem teria passado para o sul da América do Norte, e depois para as Américas Central e do Sul, respectivamente, atrás de rebanhos de animais da megafauna pleistocênica que migravam nestas direções.

Salvo novas descobertas que permanecem em análise, acredita-se que o povoamento da América, e conseqüentemente do Brasil, ocorreu no término do Pleistoceno. Por isto convencionou-se dividir a Pré-História brasileira em dois grandes períodos: as culturas do Pleistoceno, anteriores a 12.000 BP, e as

culturas do Holoceno posteriores a 12.000 BP. Dentre os estados brasileiros que registram a presença do Homem há mais de doze mil anos antes do presente estão: Tocantins, Minas Gerais, São Paulo, Mato Grosso e Piauí (MORALES, 2005).

Destarte, a ocupação da América por populações pré-históricas proporciona extensas discussões entre os diversos profissionais que atuam com dados ou com as disciplinas relacionadas à Arqueologia ou Pré-história. Os pré-historiadores mais *românticos* defendem a hipótese de ocupação do continente para o período anterior aos 50.000 anos BP, já os *menos românticos* preferem manter esta data próxima aos 25.000 ~ 30.000 anos BP, principalmente com base nos dados encontrados no Nordeste do Brasil, mais precisamente no sertão do Piauí, no sítio arqueológico da Pedra Furada em São Raimundo Nonato.

Mas o fato notório é que as populações pretéritas eram compostas basicamente por caçadores e coletores de alimentos que ocupavam extensas áreas territoriais para o manejo do grupo social, normalmente composto por um número reduzido de integrantes, uma vez que, a quantidade de membros é paradoxalmente o maior problema para a sobrevivência dos grupos que ainda não dominavam a horticultura e nem eram sedentários. Quanto maior o número de pessoas no grupo, menores são as chances de sobrevivência.

Portanto, o registro arqueológico das populações de caçadores coletores do Brasil pré-histórico pode ser classificado com base em duas características fundamentais: o material de pedra encontrado em indústrias líticas e as pinturas e gravuras rupestres encontrados nos painéis de sítios arqueológicos. Evidentemente que existem outras formas de identificação de material pré-histórico oriundo de populações de caçadores coletores, como por exemplo os sambaquis, mas esta é uma cultura arqueológica específica e encontrada em poucos locais no Brasil, basicamente no litoral ou nas margens de rios e áreas alagadas.

No início do Holoceno, no território que viria a se constituir o Brasil, registra-se a presença dos grupos caçadores-coletores, horizonte cultural associado às indústrias líticas com fabricação de ferramentas, armas e adornos em pedra. No Nordeste, a indústria lítica da tradição Itaparica (estabelecida por Valentin Calderón durante os trabalhos do PRONAPA<sup>1</sup>) é encontrada numa grande extensão territorial em biomas bastante diversos, tais como: Cerrado, Caatinga e litoral. Esta tradição ocorre no vale do Rio São Francisco em áreas da Serra Geral, Central, Sobradinho e Itaparica, nos estados da Bahia, Pernambuco, e sudoeste do Piauí (MORALES, 2005).

Além da tradição Itaparica, até o momento não são conhecidas outras tradições líticas de grande difusão no Nordeste.

Após essa tradição lítica não parece ter havido, no Nordeste, uma outra tecnologia de confecção de instrumentos que se tenha difundido por grandes extensões. Pelo contrário, os estudos arqueológicos permitem pensar que houve um florescimento de indústrias locais, em diferentes períodos, fazendo uso de vários recursos técnicos, tornando difícil uma verdadeira identificação de conjunto (ETCHEVARNE, 1999-2000, p. 120)

Apesar dos avanços nas pesquisas arqueológicas, ainda existem algumas controvérsias em relação à ocupação do território brasileiro. Anne-Marie Pessis (1999) é uma das defensoras da chegada do Homem à região da Serra da Capivara no sertão do Piauí para um período situado entre 50 mil e 12 mil anos. Segundo ela, *esta extensa faixa cronológica corresponde ao período úmido na região do Parque Nacional, onde as populações do Pleistoceno se instalaram muito lentamente, desenvolvendo uma cultura adaptada às condições do meio ambiente.* (PESSIS, 1999, p. 63).

Para Pessis, *muitos vestígios da cultura material desse período se desintegraram pela fragilidade de suporte. A cestaria e o trançado, tecnologias que devem ter existido, não suportaram os efeitos do tempo e da umidade. O mesmo aconteceu com todas as outras matérias-primas.* (1999, p. 63). Assim, os vestígios que restaram foram os artefatos líticos e principalmente as pinturas e/ou gravuras registradas nas rochas encontradas nos diversos espaços do interior do Brasil.

Apesar de terem sido por um longo tempo a principal morada do homem, ao contrário do que se pode imaginar, nem sempre as populações usavam os abrigos de rocha como moradia:

Os abrigos sob rochas das serras não eram utilizados como lugares de habitação. Muitos deles tinham depressões rochosas onde se acumulava água da chuva, localmente denominadas caldeirões, sendo frequentados para outros usos como pontos de caça, aproveitando a vinda de animais para beber. Como lugares de moradia foram escolhidos outros espaços, independentemente do grau de nomadismo ou sedentarismo: locais mais abertos, como na desembocadura de boqueirões, em vales largos, no alto das chapadas, perto de fontes de água, de rios ou de córregos que eram abundantes nesta época úmida. (PESSIS, 1999, p. 64).

A época úmida a qual Anne-Marie Pessis se refere, diz respeito ao clima tropical que perdurou até aproximadamente 12 mil anos e que permitiu o desenvolvimento de uma flora específica, com abundante vegetação e uma fauna que posteriormente seria chamada de megafauna pleistocênica, como a preguiça gigante (*Catonyx cuiveri* e/ou o *Eremotherium lundí*), o tigre dente de sabre (*Smilidon populator*), o mastodonte (*Haplomastodon waringi*) e o tatu gigante (*Glyptodon clavipes*) que dividiam o espaço com outros animais de pequeno porte que serviam de fonte de alimentação para estas populações (PESSIS, 1999).

Pessis também destaca que no período Pleistocênico, *as populações já praticavam atividades gráficas. Fragmentos de parede, com traços de pintura, foram achados caídos sobre solos arqueológicos. Neles as figuras desenhadas não são identificáveis, mas confirmam a prática de uma atividade que se tornaria um verdadeiro sistema de comunicação.* (PESSIS, 1999, p. 64).

A arte rupestre normalmente é sempre associada com populações pré-históricas, uma vez que o registro na pedra pode levar a determinação de padrões de composições dos sítios arqueológicos que evidenciem os *aspectos estatisticamente demonstráveis da estrutura do pensamento dos autores pré-históricos* (RIBEIRO, 2008/2009, p. 158). Mas, da mesma forma que pode parecer relativamente fácil de ser estudada e descrita, a arte rupestre é a parte da arqueologia mais complexa de ser analisada, pois é onde se cometem mais erros (GASPAR, 2003).

No Brasil, os primeiros estudos classificatórios para a arte rupestre tiveram origem na abordagem estruturalista adquirida com os integrantes das Missões Francesas da segunda metade do século XX ou inspirada no difusionismo cultural europeu realizada pelo Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas – PRONAPA (RIBEIRO, 2008/2009). Posteriormente, um dos integrantes do PRONAPA foi o responsável pelo estabelecimento de uma ordem classificatória para a arte rupestre no Brasil, o Prof. Valentin Calderón (RIBEIRO, 2008/2009; BARBOSA, 2008/2009).

No Brasil, a classificação dos sítios rupestres dá-se por intermédio do estabelecimento de Tradições<sup>ii</sup>. Em arqueologia, entende-se por Tradição a *permanência de traços distintivos que são geralmente temáticos* (GASPAR, 2003, p. 45). Atualmente, tem-se estabelecido para o Brasil oito Tradições Rupestres: Meridional, Litorânea Catarinense, Geométrica, Planalto, Nordeste, Agreste, São Francisco e Amazônica (PROUS, 1992; MARTIN, 1997). Para o estado da Bahia, é possível encontrar cinco destas Tradições: Geométrica, Planalto, Nordeste, Agreste e São Francisco. A exceção da Tradição Geométrica, sustenta a hipótese de que é possível encontrar na Chapada Diamantina todas as outras quatro Tradições Rupestres:

### 1.1 Caracterização das Tradições Rupestres encontradas na Chapada Diamantina

**Tradição Planalto** – está presente em muitos sítios do Planalto Central e se estende do Paraná até a Bahia. A maior parte dos sítios apresentam grafismos pintados em vermelho podendo ocorrer também o amarelo e possivelmente o branco. *Muitos animais estão representados, entre eles cervídeos, peixes, pássaros e mais raramente tatus, antas, porcos-do-mato e tamanduás. Aparecem algumas formas geométricas e figuras humanas também foram pintadas; quando são muito esquematizadas,*

*formam conjuntos de pequenas figuras filiformes que parecem cercar os animais.* (GASPAR, 2003, p. 49-50);

**Tradição Nordeste** – *ocorre nos estados do Piauí, Pernambuco, Rio Grande do Norte, parte da Bahia, Ceará e norte de Minas Gerais. São pinturas monocromáticas e gravuras que representam homens, animais (emas, cervídeos e pequenos quadrúpedes) e algumas figuras geométricas. Porém, o que a distingue da tradição Planalto é a abundância de antropomorfos agrupados formando cenas de caça, dança, guerra, sexo, rito, entre outras. Os humanos seguram armas (bastões, propulsores), cestas e outros objetos.* (GASPAR, 2003, p. 50);

**Tradição Agreste** – é encontrada nos estados do Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e Piauí, embora algumas evidências também foram registradas na Bahia. A característica principal desta Tradição é a ocorrência de grande figuras geométricas ou biomorfos, onde as figuras humanas lembram espantalhos. *As emas e os quelônios são representados de maneira estática e há também pássaros de asas abertas e longas pernas, alguns lembrando figuras humanas. As cenas são raras e delas participam poucas figuras, como por exemplo homens caçando ou pescando.* (GASPAR, 2003, p. 51-52). Pesquisadores como André Prous sustentam que estes desenhos podem ser uma mistura das Tradições Nordeste e São Francisco feitos em épocas diferentes;

**Tradição São Francisco** – esta é uma Tradição típica do vale do Rio São Francisco, se estendendo entre os estados de Minas Gerais, Bahia e Sergipe, além de Goiás e Mato Grosso. Nesta Tradição, *predominam os motivos geométricos, mas verificam-se também desenhos que representam formas humanas e animais (peixes, pássaros, cobras, sáurios e algo parecido com tartaruga). Não existe nenhuma cena e, na maioria dos casos, as figuras são feitas em duas cores. (...) Os artesãos demonstraram um forte sentido de “efeito” na combinação de cores vivas e na organização interna das figuras geométricas, o que torna os painéis extraordinariamente espetaculares.* (GASPAR, 2003, p. 52-53).

## 2. METODOLOGIA

A metodologia empregada em campo baseou-se em dois princípios: uma abordagem preliminar definida como trabalho de laboratório e uma etapa posterior compreendendo só trabalhos de campo.



A primeira etapa consistiu no seguinte:

- Ω Levantamento da literatura disponível para a macro região de entorno, objetivando a construção de um quadro arqueológico de referência, tendo ainda por base os registros de sítios constantes do CNSA/IPHAN ([www.iphan.gov.br](http://www.iphan.gov.br)) e informações consultadas na 7ª Superintendência Regional do IPHAN em Salvador;
- Ω Análise da cartografia do município e a definição das áreas amostrais para realização dos caminhamentos.

Assim, com base nos dados preliminares obtidos através de consultas ao CNSA, de relatórios de projetos de pesquisa realizados por outros arqueólogos e atendendo ao disposto na Portaria IPHAN nº 230, partiu-se para uma metodologia integrada com vistas à obtenção de dados arqueológicos preliminares. Conforme metodologia e procedimentos já desenvolvidos em outras pesquisas (BARBOSA, 2014), optou-se pela varredura intensiva por caminhamento de locais dotados de visibilidade arqueológica (FISH & KOWALEWSKI, 1990).

Em campo foram utilizadas basicamente duas abordagens para os trabalhos de levantamento arqueológico: uma assistemática (oportunistica) e outra sistemática.

O levantamento assistemático foi realizado na área pré determinada para o estudo – Serra da Babilônia e Serra Branca. Tal metodologia teve por objetivo a busca de sítios arqueológicos a partir de informações prestadas pelos moradores da região a ser trabalhada, pelas evidências da vegetação e pela observação de locais com solo exposto que proporcionem visibilidade (EVANS & MEGGERS, 1965; NEVES, 1984). Sendo assim, foram observados os topos das serras, principalmente nas áreas com maior potencial sedimentar, áreas de voçorocas, áreas de afloramento de material rochoso, áreas com deposição de solos orgânicos.

Já o levantamento sistemático foi realizado apenas na área onde o solo rochoso com características cársticas se evidenciava de maneira mais intensa. Assim, foram definidas unidades ambientais, com métodos de investigação diferenciados para cada área pesquisada. Nos locais que apresentaram rochas foram realizadas varreduras nos lajedos em busca de possíveis paredes com abrigos e pinturas.

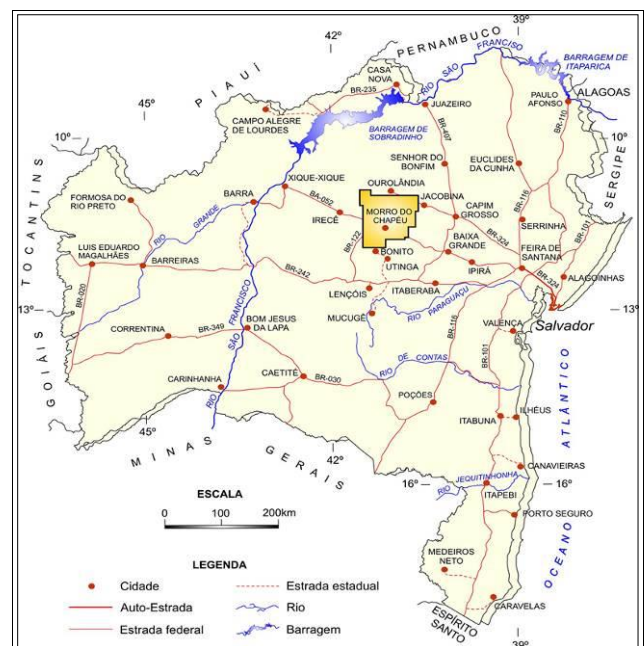
Desta forma, os trabalhos em campo objetivaram o seguinte:

- Ω A busca por indícios arqueológicos;
- Ω A caracterização/delimitação das ocorrências/sítios arqueológicos;
- Ω A fotografia e registro das ocorrências/sítios arqueológicos através de aparelho de GPS.

### 3. DISCUSSÃO E RESULTADOS

A região do Piemonte da Chapada, situada na porção NE da Chapada Diamantina, é caracterizada por um clima árido, secas prolongadas e um período de chuvas acentuadas entre o final da primavera e ao longo do verão, mais precisamente entre os meses de outubro e março. A média pluviométrica anual para a região é de aproximadamente 400 a 600 mm. Nesta região encontram-se rios temporários e algumas poucas barragens construídas pela população para o armazenamento da água uma vez que a totalidade dos rios secam por completo durante o longo período de estiagem. Nesta porção da Chapada Diamantina, destacam-se as altitudes elevadas – para o padrão do estado – e a formação dos chamados campos gerais em meio ao terreno rochoso. Entre os municípios que fazem parte do Piemonte, está Morro do Chapéu.

O município e Morro do Chapéu (Figura 01) localiza-se na borda Sul-Sudoeste desta região, dista cerca de 380 km de Salvador, possui uma população de 35.207 habitantes em uma área de 5.743 km<sup>2</sup>, detém um PIB per capita de R\$ 3.398,71 e IDH 0,605 (IBGE, 2010).



**Figura 01** – Mapa da Bahia com a localização do município de Morro do Chapéu.

Fonte: ROCHA; PEDREIRA, 2009.

A região é caracterizada por uma quantidade significativa de sítios arqueológicos que vem sendo estudados desde a década de 1960, inicialmente por Valentin Calderón (1967; 1969-a; 1973) e depois por Carlos Etchevarne (2007). A maioria dos sítios arqueológicos cadastrados junto ao IPHAN possuem características rupestres, o que pode – inicialmente – evidenciar uma sazonalidade de populações pré-históricas de caçadores coletores, como pode ser observado na Tabela I.

Os sítios de características rupestres, estão localizados nas abundantes regiões cársticas encontradas no interior do município de Morro do Chapéu. Boa parte destes sítios estão situados nas vertentes dos vales e cânions profundos dos rios que cortam a região, principalmente a Vereda do Romão Gramacho (vale do Rio Jacaré). Contrastando com este quadro geológico, temos os topos das serras com uma vistosa vegetação de Cerrado na parte central do município. Entre estas serras, destaca-se a Serra da Babilônia (figura 02).

A característica principal dos sítios encontrados nas proximidades da Serra da Babilônia é justamente a sua localização na meia encosta das vertentes que formam as bordas da serra. Os chamados *grotões* que nascem nas laterais da serra, formam pequenos cânions com uma considerável quantidade de sítios rupestres. Na parte Leste da serra, próximo da linha de transmissão de energia, situam-se três destes *grotões* com onze painéis identificados com pinturas que possuem características associadas a pelo menos três Tradições Rupestres: Planalto, Nordeste e São Francisco. Na parte Sul da Serra da Babilônia, há um afloramento calcário onde foram identificados 17 painéis rupestres que podem ser associados às Tradições Planalto, Nordeste, São Francisco e possivelmente da Tradição Agreste.

A tabela II apresenta a relação de sítios e ocorrências identificadas ao longo das incursões realizadas em campo na Serra da Babilônia.

**Tabela I.** Sítios Arqueológicos no entorno.

CNSA	Sítio Arqueológico	Tipo de sítio
BA00126	Abrigo da Cachoeira do Regato	Sítio de arte rupestre com pictografias
BA00127	Abrigo da Estrada	Sítio de arte rupestre com pictografias
BA00128	Abrigo do Manelão	Sítio de arte rupestre com pictografias
BA00129	Abrigo da Pedreira da Lage	Sítio de arte rupestre com petróglifos
BA00130	Boqueirão do Brejo	Sítio de arte rupestre com pictografias
BA00131	Encontro dos Rios	Sítio de arte rupestre com pictografias
BA00132	Fazenda Sonhém	Sítio cerâmico, habitação
BA00133	Fei da Serra	Sem informações
BA00134	Jaboticaba	Sítio de arte rupestre
BA00135	Lagoa Nova I	Sem informações
BA00136	Lagoa Nova II	Sem informações
BA00137	Lagoa da Onça	Sítio cerâmico
BA00138	Maria Vermelha	Sem informações
BA00139	Rio Preto	Sítio cemitério
BA00140	Santa Úrsula	Sem informações
BA00141	Serra das Lages I	Sítio de arte rupestre com pictografias
BA00142	Serra das Lages II	Sítio de arte rupestre com pictografias
BA00143	Serra das Lages III	Sítio de arte rupestre com pictografias
BA00144	Serra da Lagoa Velha	Sítio de arte rupestre com pictografias
BA00145	Sítio do Poço da Quarana	Sítio de arte rupestre com pictografias
BA00146	Toca do Pintado	Sítio de arte rupestre com pictografias
BA00246	Toca da Lagoa da Velha	Sítio de arte rupestre em abrigo de rocha
BA00249	Toca da Serra Nua	Sítio de arte rupestre em abrigo de rocha

BA00250	Toca das Corças	Sítio de arte rupestre em abrigo de rocha
BA00468	Abrigo da Serra do Caboclo I	Sítio de arte rupestre
BA00469	Abrigo da Serra do Caboclo II	Sítio de arte rupestre
BA00470	Abrigo do Cacique I	Sítio de arte rupestre
BA00471	Abrigo do Cacique II	Sítio de arte rupestre
BA00474	Bixiguento	Conjunto de painéis rupestres em afloramentos rochosos
BA00475	Complexo de Abrigos Pintados do Rodrigão	Conjunto de painéis rupestres em afloramentos rochosos
BA00477	Fazenda Jaboticaba I	Sítio de arte rupestre
BA00478	Fazenda Jaboticaba II	Sítio de arte rupestre
BA00479	Fazenda Jaboticaba III	Sítio de arte rupestre
BA00485	Cerâmico I	Sítio habitação
BA00486	Cerâmico da Igrejinha	Sítio habitação
BA00487	Compasso	Sítio de arte rupestre
BA00582	Abrigo do Sol	Sítio de arte rupestre em abrigo de rocha
BA00584	Bocana	Sítio de arte rupestre em abrigo de rocha
BA00594	Espinheiro	Sítio de arte rupestre em abrigo de rocha
BA00622	Pedra do Boiadeiro	Conjunto de painéis rupestres em afloramentos rochosos
BA00632	Pingadeira	Sítio de arte rupestre em abrigo de rocha
BA00636	Poço das Traíras	Sítio de arte rupestre em abrigo de rocha
BA00647	Tapera	Conjunto de painéis rupestres em afloramentos rochosos
BA00649	Toca da Figura	Sítio de arte rupestre em afloramento rochoso
BA00653	Toca do Pepino	Sítio de arte rupestre em afloramento rochoso

Fonte: CNSA/SGPA/IPHAN 2015.



**Figura 02.** Serra da Babilônia e a localização dos sítios arqueológicos.



**Tabela II.** Sítios e ocorrências Arqueológicas identificadas pelo Diagnóstico.

Ocorrência	Coordenadas		Características
	X	Y	
Painel 01	258861,151	8787254,251	Ocorrência de arte rupestre em abrigo de rocha
Painel 02	258836,852	8787264,739	Ocorrência de arte rupestre em abrigo de rocha
Painel 03	258823,891	8787263,754	Ocorrência de arte rupestre em abrigo de rocha
Painel 04	258771,760	8787267,823	Ocorrência de arte rupestre em abrigo de rocha
Painel 05	258706,319	8787272,231	Ocorrência de arte rupestre em abrigo de rocha
Painel 06	258689,212	8787297,992	Ocorrência de arte rupestre em abrigo de rocha
Painel 07	258701,726	8789431,527	Ocorrência de arte rupestre em abrigo de rocha
Painel 08	258579,620	8789478,630	Ocorrência de arte rupestre em abrigo de rocha
Painel 09	259809,774	8780364,945	Ocorrência de arte rupestre em abrigo de rocha
Painel 10	259771,148	8780353,170	Ocorrência de arte rupestre em abrigo de rocha
Painel 11	259542,264	8780353,028	Ocorrência de arte rupestre em abrigo de rocha
Painel 12	253763,491	8764604,147	Ocorrência de arte rupestre em afloramento rochoso
Painel 13	253727,008	8764641,916	Ocorrência de arte rupestre em afloramento rochoso
Painel 14	253705,561	8764718,440	Ocorrência de arte rupestre em afloramento rochoso
Painel 15	253715,216	8764782,976	Ocorrência de arte rupestre em afloramento rochoso
Painel 16	253746,038	8764775,476	Ocorrência de arte rupestre em afloramento rochoso
Painel 17	253774,149	8764776,182	Ocorrência de arte rupestre em afloramento rochoso
Painel 18	253920,930	8764812,890	Ocorrência de arte rupestre em afloramento rochoso
Painel 19	253945,021	8764830,455	Ocorrência de arte rupestre em afloramento rochoso
Painel 20	253952,067	8764795,272	Ocorrência de arte rupestre em afloramento rochoso
Painel 21	253953,766	8764756,153	Ocorrência de arte rupestre em afloramento rochoso
Painel 22	253980,311	8764748,453	Ocorrência de arte rupestre em afloramento rochoso
Painel 23	253977,678	8764687,754	Ocorrência de arte rupestre em afloramento rochoso
Painel 24	253965,842	8764616,115	Ocorrência de arte rupestre em afloramento rochoso
Painel 25	253953,020	8764598,024	Ocorrência de arte rupestre em afloramento rochoso
Painel 26	253939,297	8764572,032	Ocorrência de arte rupestre em afloramento rochoso
Painel 27	253951,557	8764530,443	Ocorrência de arte rupestre em afloramento rochoso
Painel 28	253966,483	8764519,983	Ocorrência de arte rupestre em afloramento rochoso

O conjunto de sítios apresentados nas Tabelas I e II indicam uma quantidade relevante de ocorrências rupestres situadas em zonas distintas e que podem ser agrupadas em três macro Áreas (figuras 03 a 10):

Ω Área I na parte nordeste da Serra da Babilônia, onde estão onze painéis evidenciando características que os associam às Tradições rupestres Planalto, Nordeste e São Francisco;

Ω Área II na parte sul da Serra da Babilônia já no interior da Fazenda Serra Branca, onde estão

dezessete painéis formando um imenso complexo evidenciando características que os associam às Tradições rupestres Planalto, Nordeste, São Francisco e possivelmente Agreste.

Ω Área III, a noroeste da sede do município, às margens da Rodovia BA-052, onde estão os sítios rupestres do complexo Lagoa da Velha.





**Figura 03.** Tradição Nordeste, parte norte de Morro do Chapéu, Serra da Babilônia.



**Figura 04.** Tradição São Francisco, parte norte de Morro do Chapéu, Serra da Babilônia.



**Figura 05.** Complexo rupestre da Fazenda Serra Branca, Norte de Morro do Chapéu.



**Figura 06.** Sobreposição de pinturas, Complexo Serra Branca, Norte de Morro do Chapéu.



**Figura 07.** Vista geral do sítio Lagoa da Velha.



**Figura 08.** Detalhe de painel com antropomorfo e zoomorfo.



**Figura 09.** Detalhe de antropomorfo, complexo Lagoa da Velha.



**Figura 10.** Painel rupestre na área do complexo Lagoa da Velha.

Apesar de não ter sido objeto de uma análise mais detida, a APA dos Brejões – Vereda do Romão Gramacho, deve ser considerada para o entendimento do contexto da arqueologia regional. Há no interior da referida APA, um número considerável de sítios arqueológicos além de um

patrimônio paleontológico e espeleológico inestimável, como a Lapa dos Brejões (BA-001).

Durante os trabalhos de demarcação da APA dos Brejões – Vereda do Romão Gramacho em 2002, alguns sítios de características rupestres e líticas foram identificados e classificados. Estes sítios, principalmente os rupestres, estão diretamente associados às características das ocorrências identificadas durante a realização dos trabalhos de campo que culminaram na elaboração deste artigo. O vale do rio Jacaré (Vereda do Romão Gramacho) ao cortar a APA dos Brejões, forma um emaranhado de cânions com altura considerável – cerca de 70 metros em média – e no fundo destes encontram-se incontáveis ocorrências/sítios rupestres como os complexos Brejão I, II e III, Bocana I e II, Abrigo da Manga, Sítio do Manoelzinho e Ressurgência I e II.

Os sítios rupestres identificados nas imediações da Serra da Babilônia fazem parte do contexto da arqueologia regional e portanto não podem ser analisados de maneira isolada. Isto evidencia a mobilidade dos grupos humanos que ocupavam a região e sua significativa área de manejo. É certo que a possibilidade de identificar novas ocorrências arqueológicas no topo da Serra, no interior da mata de Cerrado, a partir da realização de prospecções é relativamente alta. Mas a predominância dos painéis rupestres sobre o material lítico ou cerâmico não pode ser tomado como característica básica para excluir outras análises a respeito das interações arqueológicas regionais. Em alguns sítios da região, como o Brejão I localizado dentro da APA dos Brejões, já foram identificados elementos que associam os painéis à cultura material, como cachimbos e machados de pedra encontrados em subsuperfície no interior deste sítio.

## CONCLUSÕES

As atividades de campo que foram realizadas focaram na identificação, em superfície, de novos locais onde fosse possível registrar vestígios materiais e possíveis locais de interesse arqueológico. Desta maneira, o objetivo da metodologia de campo foram os caminhamentos ao longo da Serra da Babilônia e Serra Branca. Assim, a prioridade de investigação passou para as bordas das áreas possuidoras de vertentes responsáveis pelo escoamento dos rios temporários que nascem na parte mais alta do município e que proporcionaram o surgimento das características de sobrevivência

nas zonas de abrigo e de caça para as populações de caçadores coletores da pré-história.

Neste trabalho foram identificadas as características fundamentais de três possíveis Tradições Rupestres predominantes na região (Planalto, Nordeste e São Francisco) e uma quarta (Tradição Agreste) que ainda merece uma análise mais detida das imagens para tentar situá-la com mais precisão no quadro arqueológico regional, embora alguns pesquisadores já a considerem como parte das características da arqueologia regional, como é o caso de Etchevarne (2007) que a destaca como relevante na Toca da Onça e no complexo Lagoa da Velha.

Esta ressalva a respeito da inclusão da Tradição Agreste no inventário arqueológico rupestre para a Bahia deve ser ponderada, principalmente por que a análise está sendo feita a partir das observações realizadas em uma área pré-determinada da Chapada Diamantina e este compartimento geográfico tem de ser considerado como uma zona de transição entre as diversas Tradições Rupestres brasileiras. A influência do vale do Rio São Francisco, as incontáveis nascentes de rios na Chapada Diamantina e a expressiva variedade de fauna e flora, entre outros aspectos, foram essenciais para a permanência ou transumância de populações pré-históricas na região em um passado remoto, evidenciando a diversidade de tradições rupestres.

Para fins de normatização, foi considerado neste trabalho como *ocorrência arqueológica* o material encontrado (painéis, pictografias, material lítico e/ou cerâmico) em um raio de até 50m e com baixa densidade de fragmentos (até 20 peças). Evitou-se assim estabelecer, inicialmente, a denominação de sítio arqueológico, por entender que a simples observação não prospectiva exclui a fundamentação necessária para determinar com precisão se o material está inserido em um compartimento arqueológico mais complexo – e que pode ser caracterizado como sítio arqueológico – ou é uma ocorrência isolada.

## AGRADECIMENTOS

A Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC, minha Instituição de origem, e à Casa dos Ventos Energias Renováveis Ltda., pela oportunidade de conhecer a região do estudo.



## REFERÊNCIAS

- ASTIGARRAGA, A. L. El primer descubrimiento de America. *Estudos Ibero-Americanos*. Porto Alegre, v. XX, n°1, julho, 1994, p. 5-45.
- BARBOSA, E. P. Arqueologia na Bahia: uma história em construção. *Especiaria – Cadernos de Ciências Humanas*. Ilhéus, vs. 11 e 12, n° 20 e 21, jul/dez 2008 e jan/jun 2009, p. 15-32.
- \_\_\_\_\_. Relatório do Diagnóstico Arqueológico Não-Interventivo na Área Diretamente Afetada – ADA e na Área de Influência Direta – AID do Parque Eólico Babilônia nos municípios de Morro do Chapéu, Várzea Nova e Ouroilândia, Bahia. Ilhéus, 2012. Relatório Técnico.
- \_\_\_\_\_. *Relatório do Diagnóstico Arqueológico Não Interventivo na Área Diretamente Afetada – ADA e Área de Influência Direta – AID das Eólicas Caldeirão Mangaba I, Caldeirão Mangaba III, Caldeirão Mangaba IV, Caldeirão Mangaba V, Cinzal IV, Cinzal VI, Encruzilhada I, Encruzilhada II, Encruzilhada III, Ouro Verde I, Ouro Verde II, Sambaíba I e Sambaíba II, município de Caetité, Bahia. Processo IPHAN n° 01502.002506/2013-98*. Ilhéus: 2014. (Relatório de Pesquisa).
- CALDERÓN, V. Notícia preliminar sobre as sequências arqueológicas do médio São Francisco e da Chapada Diamantina, Estado da Bahia. In: *Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas: resultados preliminares do primeiro ano, 1965-66*. Publicações Avulsas do Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém, n° 6, p. 107-120, 1967.
- \_\_\_\_\_. Nota prévia sobre a arqueologia das regiões central e sudoeste do Estado da Bahia. In: *Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas: resultados preliminares do segundo ano, 1966-67*. Publicações avulsas do Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém, n° 10, p. 135-46, 1969-a.
- \_\_\_\_\_. A pesquisa arqueológica nos estados da Bahia e Rio Grande do Norte. *Dédalo*, São Paulo, n° 17-18, p. 25-31, 1973.
- CARVALHO, F. L. *A pré-história sergipana*. Aracaju: Museu de Arqueologia de Xingó, Universidade Federal de Sergipe, 2003.
- ETCHEVARNE, C. A ocupação humana do nordeste brasileiro antes da colonização portuguesa. In: *Revista USP*, São Paulo, n° 44, p.112-141, dezembro/fevereiro 1999-2000.
- \_\_\_\_\_. *Escrito na pedra: cor, forma e movimento nos grafismos rupestres da Bahia*. Rio de Janeiro: Versal, 2007.
- EVANS, C. & MEGGERS. B. *Guia para prospecção arqueológica no Brasil*. Belém: 1965, Museu Paraense Emílio Goeldi.
- FISH, S. K; KOWALEWSKI, S. A. *The archaeology of regions: a case for full-coverage survey*. Washington: Smithsonian Institution Press, 1990.
- GASPAR, M. *A arte rupestre no Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. (Descobrimos o Brasil).
- MARTIN, G. O universo simbólico do homem pré-histórico nordestino. In.: \_\_\_\_\_. *Pré-história do Nordeste do Brasil*. 2. ed. Recife: UFPE, 1997. p. 235-311.
- MORALES, W. F. *Brasil central: 12.000 anos de ocupação humana no médio curso do rio Tocantins*, TO. São Paulo; Porto Seguro: Annablume; Acervo, 2008.
- NEVES, Walter. A evolução do levantamento arqueológico na bacia do Alto Guareí, SP. In: *Revista de Pré-História*, 6, 6, pp. 225-234. 1984.

- PESSIS, A. M. Pré-história da região do parque Nacional Serra da Capivara. In.: TENÓRIO, M. C. (Org.). *Pré-história da terra brasilis*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1999. p. 61-72.
- PROUS, A. A arte rupestre brasileira. In.: \_\_\_\_\_. *Arqueologia brasileira*. Brasília: UNB, 1992. p. 509-542.
- RIBEIRO, L. Sobre pinturas, gravuras e pessoas – ou os sentidos que se dá à arte rupestre. *Especiaria – Cadernos de Ciências Humanas*. Ilhéus, vs. 11 e 12, nº 20 e 21, jul/dez 2008 e jan/jun 2009, p. 157-182.
- ROCHA, A. J. D.; PEDREIRA, A. J. *Geoparque Morro do Chapéu (BA): proposta*. Morro do Chapéu: CPRM, 2009. Disponível em: [www.cprm.gov.br/geoecoturismo/geoparques/morrodochapeu/creditos.html](http://www.cprm.gov.br/geoecoturismo/geoparques/morrodochapeu/creditos.html). Acessado em 27/04/2015.

---

<sup>i</sup> PRONAPA – Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas, projeto financiado pelo CNPq (Brasil) e pelo Smithsonian Institution (EUA) nas décadas de 1960 e 1970 que teve por finalidade o desenvolvimento das pesquisas arqueológicas no Brasil.

<sup>ii</sup> “Os arqueólogos utilizam a expressão tradição em lugar de cultura ou costume, porque frequentemente trabalham apenas as manifestações materiais e não as próprias culturas. Caracteriza-se como grupos de elementos ou técnicas, com persistência temporal”. (CARVALHO, 2003, p. 159).